

7ª PARTE

Nossos Mortos

ITAMAR, MEU AMIGO ITAMAR ESPÍNDOLA, A CAMINHO DO ALÉM(*)

Ribeiro Ramos

Nada me magoa tanto do que ver uma pessoa querida deitada em seu caixão mortuário, imobilizada pela morte. É duro, é terrível aquela imobilidade, a certeza de que aquelas mãos amigas, cruzadas sob o peito, não mais se abrirão para apertar as minhas mãos, num gesto de amizade, marcado pela efetividade, testemunhando lealdade. Aqueles lábios cerrados jamais se abrirão para me dizer uma palavra amável ou murmurar um cumprimento delicado. E aqueles olhos fechados também jamais brilharão diante de mim. A boca já não fala e os olhos já não vêem. Deus meu, como é doloroso tudo isso!

Sinto que já não tenho mais forças para me fazer presente a velórios e até mesmo à cabeceira de um amigo enfermo, que está desenganado e com a morte a rondar-lhe a cabeceira, pois o velho coração se me aperta dentro do peito e me faz vir lágrimas doridas aos olhos baços, enquanto os meus lábios ciciam uma prece ao Pai que está no Céu.

A última vez que assim me encontrei foi nas despedidas de nosso inesquecível e querido amigo Itamar Santiago Espindola, a quem me prendia uma amizade de muitos anos e que era marcada por uma estima recíproca, sincera e verdadeira, que tornava os nossos encontros, quer fossem marcados ou ocasionais, em momentos de alegria, na troca de idéias em conversas amenas e cordiais. Eu o fazia um homem de espírito superior e portador de uma vasta cultura - aprimorada constantemente pelo estudo e pela busca contínua de saber a causa das coisas e as transmitir sem jactância - sempre o procurava para esclarecer as minhas dúvidas, pedindo-lhe que me corrigisse os erros. Diante de Itamar sempre me considerei como um aluno diante de um mestre. E mestre ele o era - culto e douto.

Itamar era membro titular, admiravelmente atuante, da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará, da Academia Cearense de Língua Portuguesa e da Academia Cearense de Retórica, da qual foi

(*) O Acadêmico Itamar Santiago Espindola faleceu a 13 de agosto de 1992.

fundador, freqüentando a tribuna com singular assiduidade em todas essas instituições, prendendo a atenção dos colegas e ouvintes ocasionais, que pareciam lhe beber as palavras buscando as galas do pensamento. Tinha o dom da palavra e a Oratória, amiga leal e diletta companheira, assegurava-lhe sempre belo triunfo qualquer que fosse o tema abordado. Não o ouvi nunca na tribuna forense mas sei que sua voz ali era sempre brilhante, já que de um jurista consagrado.

Jornalista conceituado deixou dispersos pelos jornais e revistas numerosos artigos e crônicas, que lhe atraíram um grande público leitor. Manteve durante dez anos consecutivos, no FAME do jornalista Lúcio Brasileiro (hoje desaparecido, que pena!) a sua magnífica coluna vinhetas, aos sábados, apreciadíssima. Escritor fecundo - admirável polígrafo deixou meia centena de obras publicadas - Jurídicas, Psicológicas, Literárias, Saúde, Lingüísticas, Parapsicológicas, Religiosas, Históricas, Biológicas e Folclóricas - que lhe asseguram a Imortalidade.

Homem de fé viva e profunda, recebida no regaço materno, comprazia-se em proclamá-la, onde quer que estivesse, falando ou escrevendo, toda a vida. E foi assim, como Homem de Fé que voltou ao Pai, buscando serenamente a outra Vida na Paz da Eternidade, legando para todos nós seus amigos, familiares e admiradores o belo exemplo de sua própria vida. Uma grande vida.